

# ESTRATÉGIAS PARA MATAR UM LEITOR EM FORMAÇÃO



José Neres

---

Estratégias para matar um leitor em formação

José Neres

**Estratégias para matar um  
leitor em formação**

---

São Luís - 2005

Todos os direitos reservados para  
© José Neres  
Rua 17, casa 04, Jardim Araçagy I, São Luís – Maranhão  
joseneres@globo.com

Digitação e montagem de capa  
José Neres

Revisão Final  
Lindalva Barros

Editoração Eletrônica  
Sebastião Nunes

Impressão e acabamento  
Gráfica Carajás

Neres, José, 1970-

Estratégias para matar um leitor em formação / José  
Neres – São Luís: Carajás 2005.

ISBN 85-904976-1-5

1. leitura 2. formação de professores I. título  
CDD: 371.00981

Dedico este livro, principalmente, a  
Gabriel e Laura – dois possíveis futuros leitores  
perdidos numa selva de imagens

A todos os meus colegas de profissão

A todos os meus alunos – do ontem, do hoje,  
do amanhã e do sempre

“O leitor atento, verdadeiramente ruminante, tem quatro estômagos no cérebro, e por eles faz passar e repassar os atos e os fatos, até que deduz a verdade, que estava, ou parecia estar escondida.” (Machado de Assis, no final do 44º capítulo de *Esau e Jacô*)

## SUMÁRIO

Palavras iniciais.....	11
As estratégias.....	15
1. Uma escola sem cérebro.....	17
2. Ler para preencher fichas didáticas.....	23
3. Obrigação de ler apenas os clássicos.....	29
4. Desmerecer as leituras do aluno.....	35
5. Substituir biblioteca por locadora.....	39
6. Incentivar a leitura de resumos.....	45
7. O professor não lê.....	49
Artigos diversos.....	55
1. E quando o professor também não lê.....	57
2. Leitor, leitura e escola.....	61
3. Livro, uma arma poderosa.....	65
4. O fantasma da redação.....	69
5. Sobre o ato de escrever.....	71
6. Muito livro, pouca leitura.....	75
Leituras sobre Leituras.....	79

## PALAVRAS INICIAIS

Este é um livro que eu, sinceramente, queria que jamais tivesse sido escrito. Eu queria também que os textos e os exemplos dados não passassem de delírios de uma mente desocupada. Seria muito bom se esta obra pudesse receber, bem no último capítulo, aquela legenda que encontramos em alguns filmes: "Toda e qualquer semelhança com a realidade será mera coincidência". Mas, infelizmente, não é bem assim...

A vivência de quase duas décadas ministrando aulas de língua portuguesa foi a força motriz que me levou a escrever este pequeno trabalho. Todos os textos que compõem a primeira parte deste livro foram escritos com o objetivo de fazer uma reflexão sobre alguns fatos tão corriqueiros – infelizmente – em nossas salas de aula. Os diálogos iniciais foram inventados, mas as situações que os inspiraram aconteceram de verdade. Os comentários que vêm após cada cena inicial são totalmente pessoais e não seguem qualquer linha teórica dos grandes mestres que são arrolados

na última parte do livro. São, na verdade, desabafos de quem ama a leitura e não suporta mais ver jovens leitores sendo destruídos pela imperícia de alguns "educadores" sem compromisso com a formação integral do educando.

Na parte intitulada Artigos Diversos, reproduzo seis textos que publiquei em órgãos de nossa imprensa, mais exatamente nos jornais *O Estado do Maranhão* e *O Imparcial*, que diversas vezes franquearam suas páginas para que eu levasse a público minhas idéias. As dedicatórias que antecedem cada artigo têm uma razão de ser: elas são minhas sinceras homenagens a algumas pessoas que sempre me apoiaram em minhas eternas lutas com as palavras, seja usando meus textos em sala de aula, seja fazendo comentários sobre eles, ou ainda dando-me sugestões e/ou idéias para o fortalecimento de minhas pesquisas sobre leitura.

O último momento deste trabalho é uma tentativa de ajudar àquelas pessoas que gostaram do assunto e que pretendam conhecer algumas das boas obras que tratam da leitura e da formação de leitores. Trata-se apenas de um primeiro passo de uma exaustiva maratona de estudos sobre um assunto que é inesgotável.

Os leitores acostumados com o tema perceberão de imediato que não se trata de um estudo aprofundado, mas sim, como já foi dito antes, de uma coletânea de impressões e de comentários sobre fatos que podem ser comprovados com simples visitas em muitos dos colégios de nosso país. Como acredito que o primeiro passo para a solução de um problema é reconhecer que ele existe, reservo-me o papel de



apenas expor os fatos e comentá-los. Para os possíveis leitores que se identificarem com o tema ou com as situações, deixo a árdua tarefa de FORMAR as próprias opiniões, de REFORMAR os antigos conceitos e de TRANSFORMAR a prática educacional de nosso país. Afinal de contas, o ato de educar exige constantes mudanças e aprimoramentos.

*Alea jacta est!*

P.S. Nem bem acabo de escrever as últimas linhas deste livro recebo, por meio de reportagem da revista *Veja* (edição 1884, de 15 de dezembro de 2004), a informação de que o Brasil conseguiu a 37ª colocação em proficiência de leitura, em pesquisa feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Como eram 40 os países avaliados, e vencemos apenas o México, a Indonésia e a Tunísia, posso concluir que as estratégias usadas pelo nosso sistema educacional para matar os futuros leitores estão dando certo. O que é uma pena!

---

## AS ESTRATÉGIAS

---

A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem tudo para que se acredite ao contrário. (Ítalo Calvino)

## UMA ESCOLA SEM CÉREBRO

**CENA:**

Um engenheiro é contratado para projetar uma nova escola. O terreno não é muito grande. O interesse do proprietário é ter todas as salas bastante confortáveis e cheias de alunos. Quanto maior o número de salas, melhor. Vamos ouvir um diálogo entre os dois.

**ENGENHEIRO** – Com este terreno, podemos construir o número de salas que o senhor pediu. O estacionamento não será muito grande, mas será o suficiente para os carros dos pais dos alunos, desde que os professores sejam impedidos de usá-lo...

**PROPRIETÁRIO** – Isso se resolve facilmente.

**ENGENHEIRO** – Os banheiros podem ser colocados em uma posição estratégica que sirva a todos os alunos, desta forma, economizaremos espaço suficiente para que a circulação das pessoas seja fácil e sem congestionamento.

**PROPRIETÁRIO** – Ótimo, muito bem!

**ENGENHEIRO** – O problema está na biblioteca. Com o número de salas pedido e com as dimensões do terreno, ela ficará bem pequena.

**PROPRIETÁRIO** – Biblioteca?... Quem falou em biblioteca?...

**ENGENHEIRO** – Os projetos mais modernos de escolas deixam sempre um lugar para a biblioteca.

**PROPRIETÁRIO** – No caso da minha escola, acho que esse detalhe é inútil. Não vamos sacrificar uma sala de aula por causa de uma biblioteca. Pode tirá-la do projeto.

**ENGENHEIRO** – Ok. O senhor é quem manda

Já faz parte do senso comum dizer que a biblioteca é o cérebro de qualquer instituição de ensino. Mas ainda temos muitas pessoas, inclusive algumas que se dizem educadoras, que confundem biblioteca com depósito de livros.

Não é rara a situação em que alguém vai visitar uma escola, seja ela pública ou particular, e é levado diretamente a uma sala entupida de livros totalmente desordenados, com algumas mesas, algumas cadeiras, um(a) atendente sonolento(a) e nenhuma noção do significado educacional daquele recanto que, em alguns casos, pode ser até mais importante que as salas de aula. A rigor, uma verdadeira biblioteca deveria ser um espaço bem organizado, com um acervo bastante diversificado e com acesso rápido e satisfatório aos mais diversos suportes de informação. Mas nem sempre é assim, infelizmente.

Alguns empresários do setor de educação teimam em acreditar que um ambiente adequado para pesquisa e leitura seja um desperdício de espaço e de dinheiro. Uns, para disfarçar, reservam uma pequena sala, contratam alguém para evitar que os livros (tratados mais como patrimônio empresarial, que como fonte de conhecimento) sejam destruídos e colocam uma inscrição na entrada com o pomposo nome de *BIBLIOTECA PROFESSOR FULANO DE TAL*. Pronto. A dívida sócio-cultural está saldada. Professores, alunos e funcionários já podem divulgar para Deus e o mundo que aquele colégio tem uma biblioteca.

E, para completar o gigantesco quadro de hipocrisia pseudo-educacional, muitas vezes, a instituição nem mesmo

arca com as despesas da compra dos livros. Muitos empresários apelam para o processo de doação, um excelente meio de economizar aparecendo e de aparecer economizando.

Por outro lado, algumas escolas investem realmente na compra de obras para compor o acervo da chamada biblioteca. Mas aí entra jogo um outro fator: quem será o responsável pela compra dos livros? Normalmente é feita uma lista de sugestões e o preço passa a ser o fator mais importante na hora da aquisição. Em casos assim, geralmente, os livros comprados são os mais populares, os mais baratos. Uma demonstração bem clara de que o mais importante é a quantidade, não a qualidade das obras adquiridas. Mas pelo menos nesses casos há uma certa razão mercadológica a influenciar o processo, pois livro é realmente um produto caro. Mas o pior vem a seguir.

Às vezes, o encarregado de comprar as obras nada entende de livro e resolve entulhar a instituição de produtos que não satisfazem aos interesses do alunado. Os livros são comprados aleatoriamente, sem que haja um estudo prévio sobre a necessidade do acervo de cada área do conhecimento humano e sem levar em consideração o público alvo. Isso traz à tona algumas aberrações, como, para ficar apenas um exemplo bem banal, quando compraram milhares de exemplares do livro *A Mulher mais Linda da Cidade*, de Charles Bukowski, a fim de que fosse feita uma distribuição para escolas públicas, sem atentar para as narrativas altamente capciosas do autor de *Notas de um Velho Safado*.

Para que o leitor não pense que eu estou inventando informações, vou reproduzir, com pequenas adaptações, a nota da revista Educação (nº 67, de novembro de 2002, página 22).

(...)

*No dia seguinte me levantei e fiz dois cafés. Levei o dela na cama. Deu uma risada.*

*- Você é o primeiro homem que conheço que não quis transar de noite.*

*- Deixa prá lá - retruquei - a gente nem precisa disso.*

*- Não, pára aí, agora deu vontade. Espera um pouco que não demora.*

(...)

*Deitei na cama. Beijava com entrega, mas sem se afobar. Passei-lhe a mão pelo corpo todo, por entre os cabelos. Fui por cima. Era quente e apertada. Comecei a meter, compassadamente, não querendo acabar logo. Os olhos dela encaravam, fixos, os meus.*

*- Qual é o teu nome? - perguntei.*

*- Porra, que diferença faz? - replicou.*

Encontrar excertos como esse no meio dos materiais escolares incomodou alguns pais. É que o livro *A Mulher mais linda da Cidade & Outras Histórias*, do alemão Charles Bukowski, foi selecionado por uma comissão de especialistas para o programa *Leia Mais*, do governo do Estado de São Paulo, junto com outras 1.944 obras. Uma queixa apresentada pelo pai de uma aluna do ensino médio ao Conselho Tutelar da criança e do Adolescente de Guapiara (SP) deu início à

polêmica. Ao menos um exemplar foi enviado a cada uma das 2.982 unidades de ensino médio. Entre os assuntos de Bukowski estão sexo, bebedeiras intermináveis e sentimentos, recusando as estruturas formais da literatura. (...) A Secretaria de Estado da Educação informou que, por meio de um acordo com a editora, as escolas têm a opção de decidir pela troca do livro. Viagem ao Centro da Terra, de Júlio Verne, é a opção oferecida.

Para terminar este tópico, é importante lembrar que é na biblioteca, não importando se ela é bem organizada ou não, que as pessoas podem entrar em contato com inúmeros títulos e autores. Deveria, portanto, ser uma das prioridades da escola dar a seus alunos, e à comunidade em geral, o direito de um contato mais direto com os livros, pois, sem um impulso inicial, muitas pessoas nunca irão tomar o gosto pela leitura.

## LER PARA PREENCHER FICHAS DIDÁTICAS

### CENA:

Intervalo entre o segundo e o terceiro horário. Um professor acabou de sair, o outro ainda não chegou. Um aluno se levanta e pergunta em voz alta:

**ALUNO 1** – Ei, alguém leu o livro que o professor mandou? (Silêncio) É que eu não preenchi a fichinha que veio no final do livro e eu queria saber se alguém trouxe ela preenchida.

**ALUNO 2** – Mamãe até que respondeu para mim. Ela disse que o livro não é legal. Nem vou mais ler. Como é pra entregar o trabalho só amanhã, eu não trouxe hoje.

**ALUNO 3** – Eu copiei a minha do livro do meu irmão mais velho. Foi o mesmo do ano passado. Já tá até corrigida. Mas ficou no outro caderno. Se você quiser, eu trago amanhã.

**ALUNO 4** – Eu trouxe. Papai é professor e tem aquela ficha que já vem respondida. Copiei escondido. Pega. Cópia e me entrega na saída.

**ALUNO 1** – Legal. Vou copiar agora mesmo. Valeu!



A cena acima deve ter feito com que muitas pessoas voltassem a seus tempos de estudante, quando, após a leitura de um livro indicado pelo professor (ou, às vezes, imposto pela direção da escola em conluio com algum representante de editora), vinha a obrigação de entregar a ficha de leitura devidamente preenchida. Quase sempre, os únicos incentivos usados pelos mestres eram as seguintes frases: "Vai valer ponto", "A ficha é a nota do mês" ou "Quem não responder perde um ponto na média", ou seja, no lugar de formarem leitores proficientes, os professores, em boa parte dos casos, criavam aprendizes de mercenários, que passavam a ler atabalhoadamente com o propósito específico de conseguir "alguns pontinhos na média final". Não dá nem para imaginar quantos jovens não começaram, a partir daí, a odiar os livros e ver a leitura apenas como algo pragmático e imediatista, pois não foram estimulados a sentir o sabor de cada página lida.

Minha geração – e algumas outras que vieram a seguir – foi marcada pelas belíssimas aventuras dos livros da Série Vaga-Lume, publicada pela Editora Ática. Títulos como *A Ilha Perdida e Éramos Seis*, de Maria José Dupré, *Açúcar Amargo e Meninos sem Pátria*, de Luís Puntel, *O Feijão e o Sonho*, de Orígenes Lessa, *Na Rota do Perigo e Dinheiro do Céu*, de Marcos Rey, encantaram (e ainda encantam) os iniciantes no mundo das aventuras através das palavras escritas.

Mas o prazer pela leitura esbarrava quase sempre nas famigeradas fichas de leituras, também conhecidas com o pomposo nome de "Suplementos de Trabalho". Poucos

professores estavam preparados para trabalhar os livros em sala, sem que recorressem às fichinhas. Como os exemplares destinados aos mestres já vinham com as respostas, alguns deles nem mesmo liam as obras e simplesmente corrigiam os trabalhos dos alunos de forma automática, como se a leitura do profissional contratado para elaborar as questões fosse a única válida.

Tenho a impressão de que a maioria dos professores não lia as recomendações que vinham em alguns suplementos. Vejamos o que está escrito em um deles:

"O Suplemento de Trabalho [serve] de apoio para o trabalho de orientação de leitura desenvolvido pelo Professor." (...) "As respostas apresentadas no Suplemento de Trabalho do Professor não constituem modelos absolutos. São apenas referências dentre a variedade de soluções possíveis."

Logo a seguir vinham as chamadas Sugestões Didáticas. Algumas muito boas, por sinal, e que estimulavam a produção oral e a escrita, bem como a troca de idéias e discussões acerca de diversos assuntos ligados à temática geral.

Como se pode ver, o simples fato de um livro trazer uma ficha de leitura não impõe ao professor a obrigação de usá-la para medir a capacidade interpretativa dos alunos. O suplemento pode ser um ponto de partida para um maior entendimento do texto lido, mas nunca uma prisão definitiva. Saber usar as sugestões dadas pelas editoras é uma obrigação

do professor, assim também como ler os livros que indicar, mas isso é assunto para uma outra conversa. Embora a direção, os pais e até mesmo alguns alunos cobrem que as fichinhas sejam respondidas, isso é uma opção metodológica do mestre que, caso opte – ou seja obrigado a optar – pelo uso, deve ter discernimento para usar outros recursos que levem o aluno a perceber que ler é bem mais que preencher dados em uma folha impressa.

E, verdade seja dita, nem todas as editoras preparam um material escolar digno de ser chamado de didático. Às vezes, as informações são, além de bobas, inúteis e, em casos mais graves, incorretas. É o que acontece, à guisa de exemplo, em uma antologia de poemas de Catulo da Paixão Cearense, de uma de nossas grandes editoras. A parte dedicada à biografia do autor diz que ele:

“Nasceu em São Luís, a mui nobre cidade de La Ravardièrre, estado do Maranhão, no sobrado do prédio n° 66, da antiga Rua Grande, hoje Osvaldo Cruz, no dia 08 de outubro de 1863.”

Até aí tudo bem. O problema vem na ficha de leitura. Uma das questões das palavras cruzadas é: “Estado em que nasceu o autor”. A resposta, óbvia e que nada acrescenta à leitura do livro, deveria ser **Maranhão**, porém só há espaço para cinco letras. O que sugere a resposta *CEARÁ*. Uma prova cabal de que quem elaborou o suplemento, além de não ter lido corretamente o livro, pouco sabe do escritor,

pois acreditou que o *Cearense* do nome fosse uma referência ao local de nascimento, não uma parte de um nome próprio.

Depois dessa, é melhor passar para outro assunto.

## OBRIGAÇÃO DE LER APENAS OS CLÁSSICOS

CENA:

**PROFESSOR 1** – Aluno meu tem que ler os clássicos. Machado de Assis, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Guimarães Rosa e os grandes nomes da literatura de língua portuguesa são obrigatórios. Comigo não tem perdão.

**PROFESSOR 2** – E aí eles vêm com aquela história de que o texto é difícil. É um bando de preguiçosos!

**PROFESSOR 1** – É o que eu sempre digo, no meu tempo era de Camões para cima, não tinha desculpa. E eu não morri por isso.

**PROFESSOR 2** – E aí vêm os pedagogos dizendo que devemos adequar o tipo de leitura ao nível do aluno. Ora, isso é só besteira. Quem lê Camões, Garret, Machado, Alencar, Graciliano e Callado é capaz de ler qualquer um desses escritorzinhos de meia-tigela que aparecem por aí.

**PROFESSOR 1** – Mas o que eu gosto de ver é a cara deles quando eu digo que a leitura é obrigatória. Alguns ficam zangados e dizem que não vão ler. Mas depois eu vejo todo mundo com seu livrinho debaixo do braço... Se tiver palavras difíceis, eles que as procurem nos dicionários. Não estou nem aí para as dificuldades. Quero é meu livro lido.

**PROFESSOR 2** – É verdade. É de professores como nós que o Brasil está precisando.

**PROFESSOR 1** – Sem dúvida alguma!

Será que é realmente desse tipo de professor que o Brasil está precisando? Com toda sinceridade, creio que não. Ler é um exercício constante para a mente. Acredito que todo exercício deve ser medido de acordo com a capacidade de quem vai executá-lo.

Os clássicos representam nessa escala de atividades físicas/intelectuais uma carga mais pesada e que, por isso, exige um aquecimento (trabalho prévio), para evitar contusões e/ou desistências. Já vi escolas indicando *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para garotos de 5ª série, já vi professores obrigando alunos do início do Ensino Médio a lerem *Grande Sertão: Veredas*, o que nunca vi, em tantos anos de magistério, foi um resultado positivo de tais atitudes.

Ler os grandes clássicos da humanidade por prazer é ter uma sensação inefável, uma experiência renovada a cada passar de página, a cada abrir e fechar de capítulo. As obras de Shakespeare, Flaubert, Dante, Dumas, Tchecov, Julio Verne, Kafka, Camus, Cervantes, Homero, Machado de Assis, Dostoievski, Sófocles, Fernando Pessoa, Proust, Borges, Ibsen, Baudelaire, Lorca e Camões, entre outros, causam uma emoção ímpar em qualquer leitor experiente. Todos os amantes das letras queriam ter uma estante com a obra completa de cada um dos nomes acima citados. Mas como seria a receptividade de tais escritores por parte de quem esteja começando a entrar no mundo da leitura?

Como foi dito acima – e baseado em uma campanha publicitária – “ler também é um exercício”. E, como todo exercício, precisa de algumas fases preparatórias. Dificilmente

um estudante do século XXI irá iniciar suas atividades leitoras enfrentando os clássicos universais em suas versões originais. Mesmo porque há uma verdadeira enxurrada de bons livros dedicados ao público iniciante.

Mas isso não significa dizer que o contato com os clássicos deva ser procrastinado indefinidamente. Quanto antes o jovem tiver contato com as grandes obras universais, melhor será para a solidificação de seu arcabouço cultural.

Ana Maria Machado, em seu interessante livro *Como e Por Que Ler os Clássicos Universais desde Cedo*, logo na página 15, chama a atenção do leitor para algumas situações que merecem ser reproduzidas:

1. Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não um dever. É alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição – de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo.
2. Clássico não é livro antigo e fora de moda. É livro que não sai de moda.
3. Tentar criar gosto pela leitura, nos outros, por meio de um sistema de forçar a ler só para fazer uma prova? É uma maneira infalível de inocular o horror a livros em qualquer um.
4. O primeiro contato com um clássico, na infância e na adolescência não precisa ser com o original.

O ideal mesmo é uma adaptação bem feita e atraente.

Creio que a nossa grande escritora foi bastante clara. Suas palavras não precisam de longos comentários, e o leitor já deve ter percebido que os pontos de maior interesse para a discussão que ora se desenvolve são os itens 1 e 4. Antes que uma pessoa mais atenta me acuse de ser incoerente e contraditório, pois, em um outro momento deste livro, critico o uso de resumos, deixo bem claro que há uma grande diferença entre ler um mero resumo de uma obra e ler "uma adaptação bem feita e atraente". No primeiro caso, temos um trabalho que tem como fim primordial deixar no leitor a falsa sensação de haver lido uma obra, quando, na verdade, não a leu nem mesmo em parte. Já uma boa adaptação leva o leitor a sentir o sabor de conhecer os pontos mais significativos de um livro, preparando-o ainda para um futuro possível contato com a obra original.

O problema está em não comunicar aos estudantes que aquilo que eles têm em mãos é uma adaptação, e não o livro original. E deixar sempre bem claro que a obra que deu origem à adaptação é mais rica em detalhes e mais completa. O professor consciente costuma provocar em seus alunos o desejo de conhecer mais sobre um autor e sua produção e nunca aborta o desejo de adquirir conhecimentos com o subterfúgio da aparente facilidade oferecida pelas obras condensadas.



Mas, voltando ao assunto inicial, qual é o interesse de um professor em exigir que seus alunos leiam apenas as obras clássicas? Será que o honorável mestre não sabe que há centenas de autores competentes e sérios, mas que ainda não foram canonizados pela crítica e/ou pelos divulgadores de livros? Ou será que o mestre ainda não se deu conta de que a educação é algo dinâmico e que ensinar não é só reproduzir conhecimentos solidificados pelo tempo, mas também dar oportunidade de o aluno procurar novos horizontes e novas expectativas? Quem sabe o professor não compreende que o ser humano tem muitas fases de desenvolvimento físico e intelectual e que elas devem ser respeitadas? Ou será que o professor ainda não se deu conta de que ele, não importando a idade, também não leu (nem irá ler) todos os clássicos e que há livros importantíssimos dos quais ele não sabe nem mesmo o título? Não seria, talvez, o eterno medo das novidades? Ou, quem sabe, a preguiça mental de descobrir novos valores e de ler autores modernos e também de grande talento?

São muitas perguntas e poucas respostas. Entre ler ou não os clássicos, prefiro a idéia de que tudo deve ser lido, desde que sejam observadas as situações e com as orientações devidas.

Mas uma coisa é certa, se um professor quiser destruir um possível futuro leitor, basta incutir-lhe a idéia de que ler deve ser algo obrigatório e que ler os clássicos é a única forma de aprender alguma coisa, não importando a idade ou o preparo do leitor, e deixar bem claro que todo o resto é

besteira. Não falha. Teremos um leitor a menos no futuro bem próximo.

## DESMERECER AS LEITURAS DO ALUNO

### CENA:

**PROFESSOR** – Então, o que vocês leram durante as férias?

**ALUNO 1** – Professor, o senhor está sonhando. Que negócio é esse de ler nas férias. Férias é pra curtir, pegar ondas e paquerar as gatas...

**ALUNO 2** – Eu li Harry Potter.

**PROFESSOR** – O que você disse?

**ALUNO 2** – Eu disse que li Harry Potter.

**PROFESSOR** – Meu Deus!... eu estou falando de livro de verdade e você vem me falando de Harry Potter. Isso não é leitura.

**ALUNO 2** – Mas, professor...

**PROFESSOR** – Nada disso! Silêncio! E você, o que leu?

**ALUNO 3** – O Alquimista.

**PROFESSOR** – Assim não é possível! Era melhor que vocês fizessem como o colega que apenas “curtiu” as férias. Ir à praia é bem melhor do que ficar lendo esse lixo mercadológico. Eu, não, eu li Clarice Lispector, James Joyce, Jorge Luis Borges e Victor Hugo. Isso sim é que é leitura. Então, alguém mais leu algum livro de verdade?

Silêncio. Todos se sentiam um monte de lixo.

Muitos ainda acreditam que a escola é um lugar intelectualmente democrático. Em termos teóricos, a sala de aula deveria ser um espaço reservado não apenas à propagação de conhecimentos ancestrais, mas também de debate de idéias sobre temas da atualidade. O professor, durante muito tempo visto como dono de todas as verdades filosóficas, históricas e científicas, deveria tornar-se um mediador na busca das informações consideradas desejáveis pelos discentes. O aluno deixaria então de ser um mero receptor de informações formatadas pelo tempo e pelas práticas pedagógicas e passaria à condição de agente do próprio saber, de desbravador de uma intrincada selva de múltiplos caminhos a serem percorridos.

Mas o que se vê na prática é que muitos professores ainda acreditam que são os guardiões de um mapa sagrado capaz de levar alguém a um desenvolvimento cognitivo. Alguns só faltam dizer: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém adquire conhecimento se não passar por mim". E o pior é que, nesse jogo idiossincrático, todos acabam perdendo: o aluno, as instituições de ensino, a sociedade e os próprios mestres. Possivelmente, só quem deve sair lucrando com tudo isso é o caos em que está envolta a Educação em nosso país.

O sábio Voltaire disse certa vez que poderia não concordar com nada daquilo que estava sendo dito, mas que lutaria até a morte pelo direito que as pessoas teriam de expressar-se. As palavras do filósofo francês deixam claro que ninguém é obrigado a concordar com as idéias alheias,

mas que todos têm a obrigação de respeitar as opiniões e os gostos dos próximos.

Ao que parece, isso não acontece no dia-a-dia das escolas, pelo menos no que diz respeito às opções de leitura dos educandos. Muitos professores, aproveitando-se da aparente superioridade intelectual, querem sempre demonstrar que os estudantes não têm capacidade de escolher uma obra de boa qualidade. Os autores dos chamados *Best-Sellers* são constantemente atacados em sala de aula. Livros de Aghata Christie, Sidney Sheldon, Paulo Coelho, John Grisham, Corin Tellado e J. K. Rowling são tratados como lixo mercadológico ou entulho literário, não importando se os jovens leitores se sintam bem com mergulho nas páginas de tais escritores.

O pior não são as críticas negativas, mas sim os critérios adotados para a formação do juízo de valor. Muitos desses digníssimos críticos literários de plantão sequer leram as obras que consideram sem valor artístico. O senso comum, infelizmente, acaba falando mais alto e o “dizem que” torna-se mais pungente que o “Eu li a obras, mas não gostei dela”.

A regra é clara, antiga e lógica: só podemos julgar aquilo que conhecemos ou que pelo menos julgamos conhecer. Cada vez que um educador emite uma opinião a respeito de um livro que não leu ou de um autor que ele não conhece, mas que é lido pelos alunos, está aumentando o já enorme fosso que separa as duas partes complementares da educação: aluno e professor.

Impor uma espécie de *index* para os estudantes não é uma maneira inteligente de incentivar a leitura, pois pior do que ler uma obra considerada inferior pela crítica é ficar sem ler obra alguma. Eu, particularmente, prefiro ver meus alunos lendo (não importa o quê) a vê-los ociosos. Prefiro encontrá-los lendo romances tidos como sem valor artístico a encontrá-los com um cigarro entre os dedos... Quero é vê-los lendo, lendo e lendo, como digo em sala de aula, até criarem calos nos olhos.

## SUBSTITUIR BIBLIOTECA POR LOCADORA

**CENA:**

Um professor chega para a turma e diz:

**PROFESSOR** – Bem, meninos, eu ia passar um livro para vocês. Mas acho que vocês têm pouco tempo para leitura. Sabem como é, né, o tempo anda escasso... Muitas matérias para estudar...

**ALUNO 1** – Pode passar, professor, a gente arruma um tempinho

**PROFESSOR** – Não! Eu optei por algo melhor ainda. No lugar de perdemos tempo lendo essa obra volumosa, vamos assistir a um filme feito sobre ela. Já pedi a sala de vídeo, o filme é curtinho, só uma hora e meia.

**ALUNO 2** – Não vai dizer que depois nós temos que ler o livro para fazer comparação com o filme...

**PROFESSOR** – Nada disso, meu filho, eu não disse que era para ganhar tempo? Basta ver o filme. É a mesma coisa.

**ALUNO 3** – Quem é o ator principal?

**ALUNO 4** – Tem mulher pelada?

**PROFESSOR** – Aí é que está a surpresa. Vocês vão adorar. Vamos para a sala de vídeo!

**ALUNOS** – Oba!!!

Antes de começar, quero deixar bem claro que não sou contra o uso de filmes em sala de aula. Muito pelo contrário. Acredito que a Sétima Arte é um excelente recurso pedagógico. Quando bem utilizado, o filme serve para desenvolver o senso crítico dos alunos e estimular o raciocínio lógico. Toda escola deveria ter uma confortável sala de projeção e uma coleção de vídeos e DVDs para utilização de professores de todas as disciplinas.

Tudo muda de figura, no entanto, quando o filme se torna apenas uma muleta para os professores preguiçosos que tentam inculcar na cabeça dos alunos que o filme poderá substituir o uso do livro. Conto em um dos tópicos deste livrinho as peripécias de uma professora que, inocentemente, acreditou que a linguagem literária e a cinematográfica fossem a mesma coisa e que, ao se encantar com o filme *O Carteiro e o Poeta*, recomendou o livro de mesmo título para seus alunos. Pelo menos a jovem professora não caiu na tentação de recomendar apenas o filme e dizer que o livro era a mesma coisa. Ela, seus alunos, a direção da escola e os pais descobriram na prática que cinema e literatura usam técnicas e linguagens bastante diferentes.

Ninguém em sã consciência pode sugerir que conhece a monumental *Iliada*, poema épico hipoteticamente escrito pelo poeta grego Homero, apenas por ter passado algumas horas diante de uma tela assistido à projeção da superprodução hollywoodiana *Tróia*. Da mesma forma, não é pelo fato de uma película trazer o nome *A Cartomante* e ostentar nos créditos a informação de que foi baseada no



conto homônimo de Machado de Assis que alguém vai acreditar que pode, sem prejuízos estéticos, substituir o texto escrito por uma fita contendo a adaptação cinematográfica. Muitos outros exemplos poderiam ser dados, uma vez que diretores e roteiristas de cinema sempre recorrem aos bons autores para a criação de filmes.

Alguns professores mais atentos não se furtam ao uso de filme em suas aulas, como estímulo à leitura. Isso não é problema. Isso prova a criatividade de nossos educadores. Muitas vezes vi belíssimas discussões acerca de filmes vistos em sala de aula. Temas eram debatidos, a expressão oral era estimulada, a percepção era aguçada e o raciocínio era estimulado. No final, os alunos saíam ganhando com uma aula envolvente e dinâmica, cheia de pontos para reflexão e na qual a voz de cada poderia ser ouvida sobre os assuntos abordados na tela.

No entanto, tive também o desprazer de ver professores despreparados usando o vídeo e a TV apenas como forma de "matar o tempo" ou de "pular algum assunto". A estratégia é simples; o professor aluga uma fita ou um DVD, convoca a turma para uma sessão (certamente ninguém vai se opor), passa um filme bem longo – de preferência que ocupe todos os horários disponíveis, pois assim os alunos não precisarão voltar para a sala de aula. Acabado o filme, a turma deve ser dispensada e nada sobre o filme deve ser comentado nas aulas seguintes. A sensação de vazio, de passividade e de inutilidade irá pairar por muito tempo na cabeça daqueles alunos.

Mas se o professor calcular mal o tempo do filme, nada mais animador que mandar fazer uma redação sobre qualquer assunto – esteja ou não relacionado com a obra. Pronto. A missão está cumprida. Os estudantes irão odiar um livro que nunca leram e que possivelmente nunca lerão.

Parece uma brincadeira cínica, mas muitos professores agem exatamente como foi descrito acima. A diferença é que nem todas as escolas têm sala de projeção e em muitas é a TV que vai até à sala, o que contribui para que mais alguns minutos sejam desperdiçados.

Recentemente, tive a oportunidade de ver duas situações semelhantes com desfechos bem diferentes. Alunos de instituições diferentes, com mestres também diferentes perguntaram sobre a mesma obra: *Décameron*, de Boccaccio. Um professor respondeu que era uma obra bem clássica e com algumas passagens bem picantes. E que era uma boa pedida ler o livro para identificar as passagens que o diretor usou para fazer o enredo do filme. O professor deu algumas informações sobre a obra, situou historicamente o leitor e terminou dizendo que não queria estragar a leitura do aluno, sugerindo que este deveria continuar suas descobertas por conta própria. Ou seja, estimulou o raciocínio do aluno, acendeu nele a chama da curiosidade e deu-lhe alguns instrumentos necessários à continuação da pesquisa. Ao mesmo tempo em que informou, estimulou e mostrou conhecimento prático, teórico, didático e metodológico. O outro mestre, indagado por outro aluno, limitou-se a dizer que era um livro muito grosso e cansativo, mas que na

locadora XXX havia um filme com o mesmo nome. E ainda acrescentou: "É melhor ver o filme, que é cheio de mulheres bonitas (ele não falou bonitas, mas não vale a pena reproduzir fielmente suas palavras), que perder tempo procurando um livro velho que ninguém lê."

É... Creio que esse pobre aluno vai ter que percorrer muitas prateleiras de locadoras e, se depender de seu professor, jamais vai correr os olhos por uma prateleira de biblioteca!...

## INCENTIVAR A LEITURA DE RESUMOS

CENA:

ALUNO 1 - Putis Grila! O livro que o professor passou é enorme! Não vai dar tempo de ler tudo. Me dá uma ajuda.

ALUNO 2 - O que é que você quer?

ALUNO 1 - Sei lá, qualquer coisa que me ajude a passar de ano. O livro vai cair na prova.

ALUNO 2 - Tem problema, não. A gente vai na Internet e encontra o resumo do livro. Você lê e faz sua prova.

ALUNO 1 - Será que vai dar certo?

ALUNO 2 - Claro que vai. No ano passado, meu irmão até ganhou um dinheirinho vendendo resumos de livros. O problema é que descobriram qual é o site que ele pesquisava. Aí o negócio morreu.

ALUNO 1 - E se o professor descobrir?

ALUNO 2 - Tem nada não, rapaz. Ele também é acostumado a fazer resumo das obras do vestibular e mandar a molecada vender na fila de inscrição.

ALUNO 1 - Verdade?

ALUNO 2 - Ora se não! Ele só não faz é assinar o resumo, que ele não é besta, mas todo mundo sabe...

ALUNO 1 - Então vamos ligar o computador e procurar o resumo.

É... Infelizmente, a internet, uma das grandes ferramentas do conhecimento humano, que poderia ser usada para estimular o hábito da pesquisa, para popularizar o acesso a conhecimentos gerais, virou, para muitos, apenas um meio bem rápido de enganar a si próprio e aos outros.

Um dos grandes desafios do professor no século XXI deverá ser o de identificar o que é um trabalho propriamente dito e o que é uma mera cópia de uma página eletrônica. Os atalhos *CTRL + C* e *CTRL + V* viraram moda entre professores e estudantes. Alguns "pesquisadores" chegam ao absurdo de nem mesmo verificar o conteúdo daquilo que está sendo copiado. Isso sem contar os que imprimem diretamente da página sem nem mesmo usar um dos processadores de texto para dar um novo formato ao plágio virtual.

Os poucos felizardos que, nesse nosso mar de miséria, podem ter acesso a um computador conectado à internet têm um universo de possibilidades de aprimoramento intelectual, mas nem todos estão atrás de conhecimento. O que a maioria quer é desfrutar do show de imagens e das facilidades oferecidas pela grande rede.

No que diz respeito à leitura, há um grande número de bibliotecas virtuais que permitem leitura e/ou cópia das grandes obras das literaturas nacional e universal. Em alguns segundos, o internauta pode baixar em seu computador uma estante inteira de livros completos, ou, com um pouco mais de paciência, poderá ler os textos na própria tela do computador. Isso sem contar os Cds que são vendidos em

bancas de revista, contendo algumas centenas de romances, ensaios, peças teatrais, contos e artigos científicos. Tais programas, em sua maioria, aceitam que o usuário imprima os textos e os formate como bem desejar.

Mesmo com essas aparentes facilidades, quando se fala de internet, o que se vê é uma procura incessante por resumos dos livros indicados para leitura. Basta digitar o nome da obra desejada e a seguir a palavra "resumo" em qualquer buscador, que logo um bom número de links se abre, mostrando uma fartura de enganações com que qualquer pessoa pode saber todo o enredo da obra indicada. Não posso negar que há trabalhos bastante esmerados, bem escritos e até alguns relativamente bem intencionados que chegam a alertar para o fato de que o mais importante é a leitura integral da obra. Mas o que impera é o lixo em forma de sínteses oportunistas e mal escritas, elaboradas com o único propósito de engabelar os incautos preguiçosos que se agarram a tais páginas como se elas fossem uma espécie de tábua de salvação para esconder-se de um surto generalizado de incompetência.

Mas não podemos creditar somente às novas tecnologias esses subterfúgios utilizados para não ler a obra integral. Antes da internet, alunos e professores disputavam à-tapa os resumos e "macetes" que saíam em livros e revistas especializados em concursos e vestibulares. A diferença é que antes o cidadão tinha pelo menos o trabalho de copiar o que estava escrito e, em tal atividade, pelo menos entrava em contato com algum tipo de texto. Agora tudo está diferente, os atos de **selecionar, copiar e colar** são tão automáticos e

despreocupados que posso terminar este item com um fato que vivenciei no ano de 2002. Eis o caso:

Após a entrega de alguns trabalhos, um aluno veio questionar o fato de estar sem nota. Educadamente, expliquei-lhe que o referido trabalho era uma cópia da internet. O rapaz ficou bravo, disse que minha afirmação era absurda, etc., etc., etc. Para fim de conversa, ele me perguntou se eu poderia provar o que dizia. Peguei o trabalho e pedi que ele lesse a seguinte passagem: "Para obter mais informações sobre este autor, clique aqui."

Envergonhado, ele saiu da sala sobraçando o fruto de suas laboriosas horas de pesquisa.

## O PROFESSOR NÃO LÊ

**CENA:**

**PROFESSOR** – Então, meninos, leram o texto que passei para vocês?

**ALUNOS** – Sim!!!

**PROFESSOR** – Vamos então para os comentários. Maria, fale o que você entendeu do texto.

**MARIA** – .....

**PROFESSOR** – É parece que você não leu. Menos um ponto para você. Roberta, comente o texto.

**ROBERTA** – Ainda não li tudo, professor, ainda estou nas primeiras páginas.

**PROFESSOR** – Menos um ponto para você também. Onde já se viu, uma semana para ler e você ainda está nas primeiras páginas.... Vocês deveriam sentir vergonha de não ler. O que será do Brasil sem leitores verdadeiros, sem pessoas preparadas para entender as mensagens escritas?....

Lá no meio da turma, um aluno levanta a mão.

**ALUNO** – Professor, eu li tudo, mas não entendi aquela parte em que o menino pensa que está com o pai, mas está mesmo é com o tio. O senhor pode explicar para mim?

**PROFESSOR** – É... Bem... É... Nessa passagem há o que chamamos de... de... como é mesmo o nome?... Bem... É... O tio do menino é um ex-deputado e...

**ALUNOS** – Não, professor, isso é dito nas primeiras páginas, mas logo no segundo capítulo é explicado que tudo não passou de um engano. O senhor não leu o livro todo?

**PROFESSOR** - .....

Toca a campainha, para alívio do professor.



Para ilustrar o assunto, vamos lembra acontecimentos relativamente recentes, mas que logo serão apagados da memória até mesmo dos que vivenciaram os fatos.

Uma professora em começo de carreira recebeu de presente do namorado um kit contendo um livro *O Carteiro e o Poeta*, de António Skármeta, e uma fita com o filme homônimo. Após derramar-se em lágrimas com o drama do carteiro que descobre o poder das metáforas nos versos e nas conversas do poeta chileno Pablo Neruda, a professora decidiu que seus alunos – da sétima série – também deveriam conhecer aquela obra. Conversou com a coordenadora e indicou o livro – que ela não leu – para seus pupilos. O resultado foi desastroso...

Quem já leu o romance, sabe que o autor carregou a mão em algumas cenas de sexo (que não são nem mesmo suscitadas no filme). Só como curiosidade, vamos reproduzir um pequeno fragmento das páginas 69 e 70, da edição brasileira:

(...) A menina tirou a blusa por cima da cabeça e expôs o dorso dourado pela lâmpada de querosene. Mario abaixou sua apertada minissaia e quando a fragrante vegetação de sua boceta acariciou seu nariz indagador, não teve outra inspiração senão untá-la com a ponta de sua língua. Neste exato momento Beatriz emitiu um nutrido grito de alento, de soluço, de dissipação, de garganta, de música, de febre, que se prolongou por alguns segundos em que seu corpo inteiro tremeu até desvanecer. Deixou-se resvalar

até a madeira do chão, e depois de colocar um dedo de sigilo sobre o lábio que a havia lambido, trouxe-o úmido até o tecido da calça do garoto e, apalpando a grossura de seu pau, disse com voz rouca:

- Você acabou comigo, seu bobo.

Entre constrangimentos e provas explícitas de excitação, apenas uma coisa ficou bem clara: se a professora tivesse tido o trabalho de ler o livro, ou não o indicaria para a turma, ou faria um trabalho prévio, a fim de preparar a classe para a leitura da obra. O duro foi ter que agüentar a avalanche de pais metidos a puritanos que pediam explicações da obra imoral que foram obrigados a comprar.

Como comentamos em um artigo reproduzido na segunda parte deste livro (ver pág. 57), o professor tem que ser um grande leitor para incutir na cabeça de seus alunos os prazeres que podem ser conseguidos nas páginas de um livro.

Em várias oportunidades, tive a oportunidade de ver colegas de profissão recomendando livros como forma de driblar a insônia. A receita era simples e direta: "Quando você estiver sem sono, pegue um livro, que logo estará dormindo profundamente." Tal recomendação era dada como se fosse uma panacéia para a falta de sono. Sinceramente, acredito que só uma pessoa que não goste de ler seria capaz de dizer algo tão estapafúrdio, pois os leitores mais inveterados sabem que, diante de um bom livro, o sono geralmente vai embora e a vontade de devorar as páginas não obedece aos imperativos dos relógios.

Um aluno mais atento, não importando se é uma classe do Ensino Fundamental, Médio ou Superior, percebe logo se o professor tem ou não conhecimento do texto recomendado para leitura. Diversas vezes, vi professores aproveitando-se dos comentários dos alunos sobre a leitura de determinados textos que, por preguiça, por comodismo ou por incompetência não foram lidos por aqueles que teriam a obrigação moral de ler, compreender e lutar para melhorar a compreensão global dos estudantes.

Há um caso bem significativo de uma mestra que, durante quase dez anos, obrigou seus alunos a lerem *Os Tambores de São Luís*, de Josué Montello, mas que ela mesma declara para os amigos que nunca teve coragem de enfrentar as quase seiscentas páginas do romance. Sua técnica era simples: dava um prazo para leitura, geralmente de um mês, fazia um debate, exigia que cada equipe elaborasse um número determinado de questões "inteligentes e que fugissem do óbvio" (já com as devidas respostas gabaritadas). Cumprida a tarefa, a professora estava com um banco de questões para elaboração das provas que iriam avaliar o grau de leitura de seus pupilos. Um dia, ela cansou da repetição e passou a recomendar a leitura de *Incidente em Antares*. Mudou a obra, mudou o autor, mas a capacidade de enrolar os alunos e fingir-se de intelectual era a mesma de sempre.

O risco nesse tipo de estratégia de não-leitura é ser inquirido sobre algum detalhe que não tenha sido comentado pelas turmas anteriores. Porém a nossa estimada professora armou um esquema praticamente infalível para tais situações.

Ela sempre dizia: "Não vou responder, pois isso está bem claro no texto. Se você tivesse lido com atenção, não estaria fazendo esse tipo de pergunta".

Resta-nos apenas a esperança de que o cinismo de professores desse nível não contamine os estudantes e que os alunos tenham realmente lido os livros recomendados. É, mas pelas questões que ela orgulhosamente me mostrou como prova de sua esperteza, acredito que alguns dos(as) garotos(as) eram mais espertos(as) que a mestra e usaram a velha estratégia do "vamos-fingir-que-lemos-para-para-ver-se-ela-acredita"

Mas isso é uma outra história...

---

**ARTIGOS DIVERSOS**

---

"Todos os dias deveríamos ler um bom poema, ouvir uma linda canção, contemplar um belo quadro e dizer algumas bonitas palavras." (Goethe)

## E QUANDO O PROFESSOR TAMBÉM NÃO LÊ?\*

A Honorina Simões

Não se sabe de outro momento da história de nosso país em que o fenômeno da leitura fosse tão valorizado. Constantemente, campanhas do fomento ao ato de ler são deflagradas. O Governo (em todas as esferas), algumas ONGs e a sociedade em geral parecem ter percebido que é por meio da leitura que a educação brasileira pode melhorar, em termos qualitativos.

As campanhas, em sua maioria, são voltadas para o público infanto-juvenil. Uma vez que seriam as novas gerações as maiores beneficiadas com uma nova concepção de aprendizagem, baseada na busca do conhecimento através do correto manuseio das mais variadas fontes do saber. O professor seria, então, um mediador entre as obras escritas e os jovens. Caberia aos mestres o papel de um guia mais experiente, que conduziria os seus pupilos pelos muitos (e às vezes tortuosos) caminhos do mundo da escrita. Mas nesse ponto surge uma questão: E se o professor também não for acostumado a ler?

O filósofo alemão Immanuel Kant, em uma de suas mais felizes frases, disse que "um homem só pode ser educado por um semelhante, isto é, por outro homem educado". O mesmo se aplica ao processo de formação de leitores. Se o professor, "um dos hipotéticos responsáveis pelo

desenvolvimento do gosto pela leitura" não traz no âmago de seu ser o gosto e o hábito de ler os textos que o cercam, como poderá transmitir a seus pupilos o prazer de debruçar-se sobre os livros para deles extrair a seiva dos conhecimentos acumulados em séculos e mais séculos de civilização? Como um mestre poderá cobrar de seus alunos um posicionamento crítico a respeito de um texto que é declaradamente nebuloso para o próprio docente?

As respostas para os questionamentos acima são óbvias e trazem as marcas indeléveis da lógica. Só podemos oferecer/prometer aos outros aquilo que possuímos (ou o que pelo menos pensamos possuir), ou estaremos fadados a ter uma legião de enfurecidos leitores a nossa volta. E, por outro lado, jamais poderemos cobrar de alguém aquilo que não oferecemos. Não há volta, se o movimento de ida ainda não foi efetuado. E a educação só se realiza plenamente quando se está numa via de mão dupla. O professor deve ensinar, mas nunca deve deixar de tentar aprender.

A escritora Ana Maria Machado, um dos baluartes da literatura infanto-juvenil de nosso país, em recente entrevista concedida à revista Educação, chama a atenção para o fato de que o professor não é incentivado a ler. Segundo ela, "gente que não gosta de ler não pode ensinar a ler. É igual a um instrutor de natação que não gosta de nadar e por isso tenta ensinar os alunos do lado de fora da piscina. (...) Quantos livros de leitura não obrigatória um professor lê por ano?".

Sabe-se que, segundo pesquisas amplamente divulgadas, o brasileiro lê uma média de 200 páginas por ano. O número é preocupante, pois apresenta uma quantidade inferior a uma página por dia. E mais preocupante ainda é saber que dentro, ou até mesmo abaixo dessa ínfima média per capita de leitura, estão muitos de nossos professores.

Há razões para essa não-leitura generalizada? Várias. Os motivos vão desde a eterna questão da má remuneração dos envolvidos no processo educativo, até um flagrante descompromisso para com a própria formação profissional, passando pelos elevados preços dos livros e pela falta de ações que estimulem que cada professor tenha uma biblioteca particular com os livros básicos para sua formação.

A questão não é simples. Muito pelo contrário. Mas precisa ser discutida. Pois enquanto os professores não tiverem a consciência da importância da leitura – em todos os níveis – não teremos condições de almejar um futuro em que a maioria das pessoas seja consciente do poder transformador das palavras escritas.

\* Texto publicado no Jornal O Imparcial de 10 de agosto de 2002.



## LEITOR, LEITURA E ESCOLA\*

A Dino Cavalcante

Ler é possivelmente uma das mais solitárias tarefas humanas. Por mais que alguém tente, jamais conseguirá compartilhar com os demais suas impressões acerca de um livro, de um poema, de uma peça teatral... É também através da leitura que alimentamos grande parte de nosso arsenal cognitivo.

No entanto, mesmo hoje, em pleno século XXI, ainda há quem pense que ler e decodificar palavras tenham o mesmo significado. A verdadeira leitura depende de um conhecimento básico de decodificação, contudo o simples fato de alguém saber juntar sílabas para a formação de palavras não significa que já saiba ler. Às vezes, o chamado analfabeto é melhor leitor que uma pessoa que tenha concluído todos os graus dos estudos regulares. Isso acontece por uma razão muito simples: a palavra leitura não se restringe apenas à relação letra/suporte/homem, mas sim a algo muito mais complexo que acaba envolvendo até mesmo a experiência de mundo que cada ser humano adquire ao longo dos anos.

Para prejuízo do mundo da leitura, o número de analfabetos funcionais, aqueles que oficialmente sabem ler e escrever, mas que na prática não conseguem entender nem mesmo um texto simples, é bem maior que o de leitores preparados para o convívio com a palavra impressa.

Por outro lado, fala-se muito hoje de um pretenso aumento no número de leitores. O mais adequado seria, no entanto, divulgar-se que há atualmente mais pessoas que apreenderam a decodificar significantes, pois, infelizmente, isso é o máximo que a maioria dos métodos de ensino consegue fazer. Os estudantes saem das escolas (em muitos casos até mesmo das faculdades) sem a mínima noção do que seja ler de forma produtiva. E não se está falando aqui dos gaguejos e das imensas dificuldades de articular corretamente as palavras. O que preocupa é a falta de familiaridade com aquilo que está sendo exteriorizado de forma oral ou visual. Lê-se pouco nas escolas e, pior ainda, lê-se mal. O sistema educacional, no afã de alimentar as estatísticas politicamente positivas, passou a chancelar pseudo-alfabetizados, no lugar de oferecer recursos para que cada estudante se tornasse um ser humano pensante, capaz de questionar a realidade circundante. Em prol da quantidade, desprezou-se a boa regra da qualidade.

Teoricamente, é improvável que uma pessoa ensine outra a ler, uma vez que impossível ensinar alguém a pensar. Então a decifração dos códigos lingüísticos seria apenas um instrumento para o desenvolvimento cognitivo do homem, o ato de pensar e ler criticamente seria uma evolução paulatina desse impulso inicial. O problema é que o estudante não é instigado a agir dessa forma. É, sim, "programado" para tirar uma nota compatível com a média estabelecida pelas instituições de ensino. O que o aluno aprendeu torna-se menos importante que o "quanto" ele tirou nas avaliações.

Um raciocínio lógico e coerente pode suplantado por respostas preconcebidas por alguém alheio à realidade de cada região.

A escola, a mais importante instituição de um país, pode (e deve) servir de elemento transformador da realidade. Para que isso ocorra é preciso que todos os seus objetivos sejam repensados e que, no lugar de criar autômatos reprodutores de fórmulas saturadas pelo tempo, ela ofereça meios para que jovens e adultos possam verdadeiramente ler as entrelinhas do passado, as experiências do presente e, principalmente, projetar um futuro mais promissor.

Atualmente, o que está ocorrendo é um fenômeno inverso daquele que seria o esperado. A escola, com seus modelos dogmáticos ultrapassados, deixou de lado o seu papel de formador de leitores e assumiu de vez a incômoda função de assassina/destruidora do hábito da leitura e de possíveis futuros leitores.

---

\* Texto publicado no jornal *O Estado do Maranhão* do dia 25 de outubro de 2001.

## LIVRO - UMA ARMA PODEROSA\*

A Antônia Alves Cruz

Ítalo Calvino, em seu conto *Um general na biblioteca*, chama atenção para os perigos que um livro pode representar para os governantes mal-intencionados. Na imaginária Pandúria, os militares descobrem que os livros podem conter "opiniões contrárias ao prestígio" dos poderosos. O templo do saber é invadido por oficiais, comandados pelo general Fedina, que tentam rotular os livros de acordo com uma escala de perniciosidade ideológica contida em suas páginas. A leitura sistemática, no entanto, acaba por mudar as concepções de mundo de toda a tropa. O relatório final não traz o que era esperado pelos governantes, e o Estado-Maior, temendo conseqüências mais graves, decide aposentar Fedina e os demais oficiais. Porém já é tarde, todos estão "contaminados" pelo vício de descobrir a verdade por meio da leitura.

O texto de Calvino é apenas um entre os muitos que mostram que o conhecimento adquirido através da leitura pode mudar o comportamento humano. Dom Quixote, Policarpo Quaresma e Mário (do livro *O Carteiro e o Poeta*) são somente alguns exemplos de personagens que tiveram a vida alterada a partir do contato com os livros. Não fossem as incessantes leituras de novelas de cavalaria, a personagem de Cervantes provavelmente não entraria no fantasioso

mundo que o levaria a enfrentar moinhos de vento e a lutar por sua imaginária Dulcinéia de Tomboso.

Lima Barreto, por sua vez, põe o também quixotesco Policarpo Quaresma em contato com livros que têm o Brasil como única temática e, desse modo, acaba levando o pobre major Quaresma a ver uma nação hipotética, que será desnudada através de um contato com uma realidade totalmente distinta daquela preconizada pelas obras totalmente alienadas.

Por outro lado, Mário, criado por Antônio Skármeta, para compor um par antitético com o poeta Pablo Neruda, ao conhecer o poder das palavras, escritas e/ou faladas, deixa-se seduzir pelas metáforas e descobre um novo universo por trás da mera aparência dos elementos físicos. Sua vida está mudada para sempre. E, na condição de homem que lê, passa a ser visto não mais como um simples serviçal, mas sim como uma possível ameaça à suposta ordem imposta pela ditadura.

Monteiro Lobato, consciente do poder da palavra escrita, chegou a afirmar que "um país se faz com homens e livros", ou seja, que há outras riquezas, além das naturais, que devem ser exploradas pelos mandatários de uma nação. Décadas antes, o poeta romântico Castro Alves já abençoava aqueles que semeavam livros e que estimulavam o povo a pensar, pois "livro caindo n'alma / é germe - que faz a palma, / é chuva - que faz o mar". Contudo, levar a população a pensar criticamente passa bem longe dos reais objetivos da maioria dos governantes.

Historicamente, houve sempre uma tentativa de anular os estranhos poderes emanados pelas páginas dos livros. A Igreja Católica indexou as obras perigosas para o pensamento cristão, fazendo uma minuciosa relação daquilo que poderia ser lido e considerando como heresia manusear, comentar ou possuir tais obras proibidas. O mesmo aconteceu com vários ditadores, que, temerosos da carga crítica encontrada em alguns livros (em forma de metáforas ou não), preferiram a perseguição a autores e obras ao ato de repensar a própria política de arbitrariedades. No entanto, o que estava em jogo não era apenas o fato de ter ou não um livro como propriedade, mas sim as implicações que poderiam advir da leitura e da interpretação do que estivesse escrito naquelas folhas de aparência inócua.

Editores e livreiros costumam calcular o valor de um livro por suas características físicas (número de páginas, tipo de papel, formato, etc.); alguns leitores levam em conta, entre outros fatores, o reconhecimento do autor, a repercussão da obra e os modismos vigentes. Já o mau governante preocupa-se exclusivamente com os danos – a curto ou longo prazo – que algumas páginas bem buriladas podem causar em suas pretensões de entrar para a História pela porta da frente. Résta saber quem está com a razão.

---

\* Texto publicado no Jornal *O Estado do Maranhão* de 14 de março de 2002.

## O FANTASMA DA REDAÇÃO\*

A Kátia Cilene França

Todos os anos, mal se aproxima a data do vestibular, um antigo fantasma chamado Prova de Redação volta a freqüentar o sono daqueles que aspiram a uma vaga em um curso superior. Fica então uma dúvida: se tal visita tão incômoda já é esperada, por que não fazer algo para tornar o horrendo fantasma apenas mais uma prova de um dia de concurso?

Em primeiro lugar, é a falta de hábito de escrever e de questionar a realidade o principal fator de manutenção da idéia de que redigir é uma tarefa desagradável, complexa, cansativa e traumatizante. Algumas pessoas chegam inclusive a acreditar na falsa idéia de que somente os iluminados por forças superiores são capazes de produzir bons textos. A falta de prática e uma certa dose de preguiça mental (no que diz respeito ao questionamento crítico dos assuntos do cotidiano) levam o vestibulando a interpretar o seu medo de escrever como algo muito natural. E, sendo tal medo algo normal e comum à maioria, pouco resta a fazer. É mais fácil acomodar-se às evidências sobrenadantes das dificuldades de redigir, que enfrentar o desconhecido mundo da escrita.

O excesso de teoria sobre as chamadas técnicas de redação é outro item que desmotiva o vestibulando. Se alguém resolver preocupar-se com todas as regrinhas ensinadas para a confecção do texto ideal, fatalmente desistirá de escrever

em um curto intervalo de tempo: São tantas as questiúnculas, que seguir uma implica desrespeitar a várias outras. Detalhes insignificantes são inculcados na mente do aluno como se fossem verdades incontestes. Desse modo, argumentos, idéias e criatividade acabam sendo trucidados em nome de uma forma estética considerada padrão. Para alguns, infelizmente, a aparência do texto escrito tem muito mais valor que seu possível conteúdo.

A falta de leitura também contribui para que o ato de escrever seja visto como quase tortura para muitos e privilégio para bem poucos. Há no mercado uma ampla bibliografia comprovando que o mal maior do vestibulando não é o uso inadequado das normas gramaticais, mas sim a má concatenação das idéias, o que pode, em parte, ser creditado a problemas de leitura e de interpretação de textos. Há também o estudante viciado em ler apenas resumos de obras, nunca lendo os livros indicados pelas universidades. Sem leitura crítica e sem um trabalho consistente com as idéias acerca do que foi lido fica muito mais difícil defender os próprios pensamentos através da exposição escrita.

Enquanto o estudante estiver mais preocupado com a quantidade de linhas que com as idéias defendidas, estiver preterindo o texto original em prol de resumos e estiver com medo de redigir, a redação continuará sendo um eterno fantasma a atormentar sua vida.

---

<sup>1</sup>Texto publicado no jornal O Imparcial, no dia 11 de junho de 2001.



## SOBRE O ATO DE ESCREVER\*

A Marcos Fábio Belo Matos

Para a maioria das pessoas oficialmente alfabetizadas, o ato de escrever equivale a um terrível castigo. A folha em branco toma a dimensão de um monstro implacável e invencível. No pensamento, as idéias até que fluem normalmente, organizam-se em blocos mais ou menos harmônicos e se alinham sem maiores problemas. Mas na hora de passá-las para o papel...

É na hora de pôr as idéias no papel que o verdadeiro drama tem início. O que parecia mentalmente organizado desmorona e, como num passe de mágica, tudo se torna sem nexos. Os pensamentos tropeçam nas palavras escritas e as mãos teimam em não obedecer às ordens do cérebro. A angústia de não conseguir traduzir as idéias em sinais escritos costuma, grande parte das vezes, desestimular quem não está acostumado com as artimanhas da mais vã das lutas, conforme disse Drummond: "Lutar com palavras é a luta mais vã, no entanto lutamos com elas mal rompe a manhã". Deve-se, então, como receita o poeta mineiro, aceitar o combate.

Com o tempo, se a pessoa não se entregar ao desânimo e ao imperativo da desistência, perceberá que é normal perder o fio do raciocínio durante a elaboração de um texto. Poucos são os que conseguem ir da introdução à

conclusão sem que a linha do pensamento sofra qualquer interferência interna ou externa.

Ver a escrita como um terrível desafio é a forma mais simplista de propagar a antiga idéia de que escrever é um dom recebido apenas pelos "iluminados" restando, então, aos outros pobres mortais apenas a tarefa de ler o que os "gênios" escreveram. Ora, se escrever fosse unicamente um dom, de nada adiantaria estudar, para nada serviriam os anos e mais anos que passamos diante dos livros, na ingente busca de um aprimoramento intelectual.

Mais do que uma questão de dádiva divina, escrever é uma constante tarefa de prática de aperfeiçoamento. De nada adianta ficar lendo manuais de "como escrever bem", se a pessoa não estabelece para si um programa de treinamento que busque melhorar a expressão escrita. Além disso, não se pode esquecer também de que a leitura tem uma importância vital para quem almeja dominar as palavras no papel. Sem ler, ninguém consegue ter idéias e argumentos para desenvolver. A leitura (em todos os níveis) é uma espécie de mãe da escrita, uma vez que é a partir dela que o homem armazena conhecimentos para fundamentar as próprias teses ou mesmo para compreender as motivações alheias.

Escrever é uma tarefa difícil? Claro que sim. Mas a velha expressão "eu não sei escrever" deveria ser substituída por outra bem mais coerente: "eu não estou acostumado a escrever". Afinal, não se pode gostar daquilo que não se conhece direito. Para sair vitoriosa desse desafio, cada pessoa deve tomar consciência de que a prática constante e

---

Estratégias para matar um leitor em formação sistematizada é o caminho mais curto para perder o medo de enfrentar uma folha em branco.

---

\* Texto publicado no jornal *O Estado do Maranhão*, no dia 07 de maio de 2003.

## MUITO LIVRO, POUCA LEITURA\*

A Lindalva Barros

Foi logo no início da década de 90 que as universidades maranhenses começaram a indicar livros como leitura obrigatória para aqueles que desejassem ingressar em um curso superior. A idéia inicial era, sem sombra de dúvidas, fomentar o gosto pela leitura e proporcionar aos estudantes um contato mais aprofundado com os textos de alguns dos mais significativos escritores da língua portuguesa. Mas será que isso realmente aconteceu?

Para início de conversa, tudo o que é novidade acaba encontrando alguma resistência por parte dos mais conservadores. Com a adoção dos livros não foi diferente. Um grupo começou a crer que o uso de textos desvirtuaria a prova de língua portuguesa, que, com a nova concepção, deixaria de ser um teste para medir os conhecimentos gramaticais que os futuros acadêmicos obrigatoriamente deveriam possuir. Isso contribuiria para um depauperamento do domínio vernacular por parte dos jovens. Por outro lado, a expectativa de provas mais inteligentes, com questões que exigiriam mais raciocínio que poder mnemônico atraiu uma boa parcela dos elementos pensantes de nossas universidades. A solução, aparentemente, foi procurar uma abordagem intermediária, ou seja, que combinasse os conhecimentos gramaticais e, ao mesmo tempo, medisse a capacidade interpretativa dos candidatos.

Com o tempo, houve o predomínio de questões que valorizavam a leitura, com abordagens, a partir dos textos dados, dos conteúdos gramaticais. Porém a evolução na forma de avaliar a capacidade de leitura dos estudantes acabou trazendo à tona um outro problema que alguns teimam em não ver: poucos são os candidatos que realmente lêem as obras indicadas.

Logo nas primeiras experiências, os estudantes menos afeitos ao ato de ler perceberam que poderiam muito bem responder às provas apenas com conhecimento do resumo dos livros ou, talvez, com alguns comentários de terceiros. Começou então uma insana corrida pelos famigerados resumos que, com a aproximação da data das provas podem ser encontrados à venda em todos os lugares freqüentados pelos vestibulandos, inclusive nas dependências das próprias universidades, em forma de nem sempre bem escritas apostilas. Logo após a compra, satisfeito com a aquisição, o aluno concentra-se na leitura da síntese, acreditando que desse modo está ganhando tempo para estudar "outras matérias mais importantes".

Infelizmente, uma boa idéia pode ser desvirtuada e transformar-se em uma prática que em nada contribui para a melhoria do ensino. O estudante tem diante de si uma relação de obras indicadas e algumas apostilas que "prometem" uma solução imediata para o problema para o qual a solução definitiva demandaria um longo tempo: a falta de leitura. O pior de tudo é que nem sempre o candidato fica indeciso entre o livro e o resumo. No afã de ganhar algumas preciosas

horas e de evitar exaustivas consultas a um dicionário, o incauto estudante quase sempre opta por seguir o caminho mais curto: o dos resumos.

Há ainda um outro tipo de atitude ainda mais nefasta. Trata-se do simples fato de deixar de lado livros e apostilas, para dedicar-s apenas a ouvir comentários de abalizados professores acerca das obras indicadas. Neste caso, a leitura de um ser constitui-se em uma muleta para a falta de leitura de uma platéia ávida de informações que, seguramente, serão incompletas, uma vez que toda síntese, oral ou escrita, será sempre inferior ao ato de descobrir por si mesmo os meandros da tessitura romanesca ou poética. Em tais situações, o orador se vê alçado à condição de oráculo de uma platéia que pode ter a resposta completa em suas mãos, mas que prefere tê-la fatiada em performáticas revisões de véspera.

De quem é a culpa? Das universidades, que não indicam livros atraentes? Dos alunos preguiçosos? Da crise financeira que impede a aquisição de livros? Da grande quantidade de conteúdos que devem ser estudados? Do professor que elabora os resumos?... Não se sabe ao certo. Mas também é certo de que o único inocente nessa história é o próprio livro, que continua no plástico, embalado no sonho de um dia ser lido. Um sonho que a cada dia se torna mais longe da realidade.

\* Texto publicado no jornal *O Estado do Maranhão* do dia 17 de julho de 2003.

## LEITURAS SOBRE LEITURAS

Se este fosse um livro teórico ou o resultado de uma exaustiva pesquisa, esta seria a parte em que viriam elencadas, em ordem alfabética e seguindo a todas as normas da ABNT, as obras que eu teria lido para compor meu texto. Mas como se trata de uma série de conversas informais, sem nenhuma intenção de cientificidade, limito-me a sugerir alguns textos que, sem dúvida alguma, poderão servir de base para quaisquer pesquisas sobre leitura e formação de leitores.

Para começar, nunca se pode deixar de lado *A Importância do Ato de Ler*, de Paulo Freire. Nesse livro, o velho mestre, misturando reminiscências e abordagens práticas e teóricas, discute a importância dos livros para a formação plena do indivíduo. Baseando-se em uma frase do nosso pedagogo maior, a professora Marisa Lajolo o importantíssimo *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*, no qual aprofunda diversas discussões acerca do texto, da escola e dos leitores em geral. Há também os livros de

Ezequiel Teodoro da Silva, principalmente *O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura* e *Os (des)caminhos da Escola*. Ambos são livros essenciais para a compreensão dos processos da leitura.

Se alguém estiver pensando em ler uma obra que comente a leitura de forma básica, com uma linguagem acessível e cheia de exemplificações deve começar lendo o livro *O Que é Leitura*, de Maria Helena Martins. O livro faz parte da coleção Primeiros Passos e é um dos mais recomendados para quem pretenda ter um conhecimento bem amplo sobre o assunto.

Os livros *Estratégias de Leitura*, de Isabel Solé e *A Leitura e a Escrita*, de Madalena Contente são excelentes para quem já tem um bom conhecimento sobre o assunto, mas deseje um aprofundamento teórico. A eles devemos acrescentar Foucambert, principalmente com os livros *A Leitura em Questão* e *A Criança, o professor e a Leitura*.

Quem procura algo mais prático não pode deixar de ler *Oficina de Leitura*, de Ângela Kleiman; *Como Ler, Entender e Redigir um Texto*, de Enilde Faulstich; *Dinâmicas de Leitura para Sala de Aula*, de Mary Rangel e *Los Textos en el Aula*, de Mirta Piris da Motta. Este último infelizmente ainda não traduzido para o português, mas que traz interessantes abordagens com relação ao estudo dos textos.

Se o leitor estiver interessado em um texto curto, porém bastante polêmico, não ponde deixar de ler o artigo *Por Que o Professor não Gosta de Ler*, que saiu publicado no nº 77 da revista Educação. Por outro lado, se o interesse é por



impressões de leituras um pouco mais eruditas recomendo *Por Que Ler os Clássicos*, de Ítalo Calvino e *Como e Porque Ler*, de Harold Bloom, dois livros que, além de comentários sobre diversos autores, têm excelentes abordagens sobre o ato de ler.

Finalmente, para sugerir um livro que traz uma mescla bem equilibrada de experiência de vida, erudição e sensibilidade, não posso deixar de lado *Como e Por Que Ler os Clássicos desde Cedo*, de Ana Maria Machado. Uma verdadeira viagem ao mundo das palavras.

Bem, as sugestões não seriam somente essas, mas, infelizmente, a página está chegando ao fim. Com certeza, cada leitor deve ter em mente vários outros livros que deveriam estar aqui. Creio que isso é bom, pois prova que, apesar do caos, ainda muita gente tentando solucionar o problema da falta e das deficiências da leitura.

**O**s dados abaixo são assustadores, mas são verdadeiros. Eles fazem parte de pesquisas amplamente divulgadas por nossos órgãos de imprensa. Enquanto eles não forem corrigidos, vamos continuar vendo nosso país atolado no imundo pântano do analfabetismo funcional.

- 69% dos brasileiros dizem que nunca vão à biblioteca
- 34% dos professores lêem eventualmente.
- 25 % dos professores não costumam ler.
- O brasileiro lê em média 200 páginas por ano.
- Em uma avaliação feita com 40 países, o Brasil ficou em 37º lugar em eficiência de leitura.